



Daniel Katz

Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafrasletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

Andy Warhol, Mr. America

A mostra "Andy Warhol, Mr. America", que acontece na Estação Pinacoteca, SP, entre 20/3 e 23/5, revela que o rótulo "artista pop" é muito pouco para definir o artista americano que se tornou mundialmente famoso pelas imagens coloridas de sopas Campbell's e pelos retratos ultracoloridos de celebridades do século XX. As imagens sedutoras, em cores fortes, são apenas a superfície da obra de Warhol, e encobrem um mundo totalmente oposto a este, e corresponde à realidade dos EUA. Sua obra é considerada por muitos como um reflexo das tensões e contradições que caracterizam a imagem deste país no século XX.

O curador canadense Philip Larrat-Smith selecionou aproximadamente 170 obras realizadas desde o início da carreira do artista, com destaque ao período entre 1961 e 1968. Este foi o período em que ele trabalhou com maior intensidade em seu estúdio, a "Factory", que era frequentado por grande parte do meio criativo de Nova Iorque, e onde ele organizava festas às quais compareciam as celebridades da época.

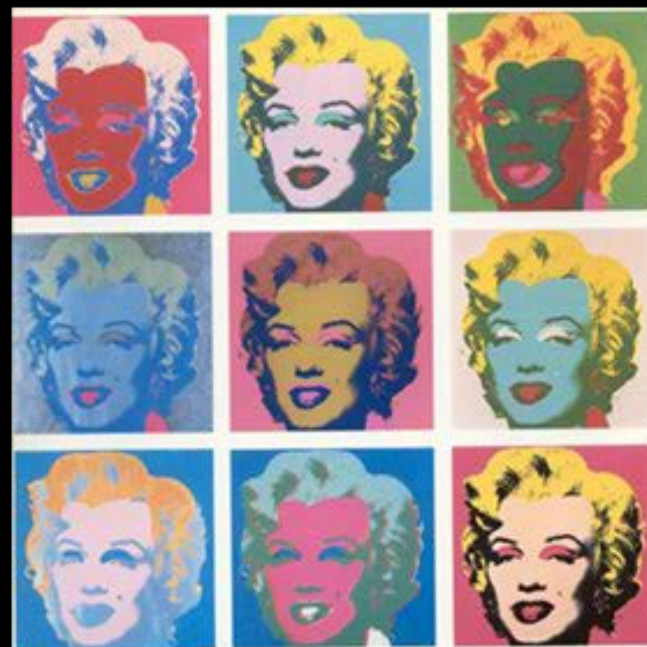
Segundo o curador, "Warhol encarnou e expressou vários dos pressupostos que levaram à construção do império americano: a relação entre desejo, fantasia e consumo". Além disto, sua obra tem caráter político. O uso do padrão de camuflagem sugere que as aparências são enganosas, e que existem intenções escondidas; o império americano tem a pretensão de ser o que não é: um supervisor benevolente do sistema financeiro global.

O retrato de Pelé

presente na exposição mostra "cabeceando" a bola estampada com uma estrela e seu nome, sugerindo sucesso e superação das dificuldades de sua origem humilde



Apesar de retratá-las com todo o glamour que as caracterizava, Warhol fez os retratos de celebridades em momentos de grande fragilidade - Marilyn logo após o suposto suicídio, Jackie no dia seguinte ao assassinato de John Kennedy e Liz Taylor durante uma doença grave, em risco de morte.



A exposição traz a famosa série de silk-screens de Marilyn Monroe, desenvolvida a partir de 1962. Assim como os retratos que ele realizou de Jackie O, apesar de darem a impressão de glamour e vivacidade, foram feitas em momentos dramáticos - as de Marilyn logo após seu suposto suicídio, e as de Jackie no dia seguinte ao assassinato de seu marido, John Kennedy.

É inevitável a comparação destas imagens com aquelas das sopas Campbell's, eternizadas lado a lado como objetos de consumo para a sociedade. As sopas, comercializadas a preços acessíveis, foram um produto muito conhecido entre os americanos nas décadas de 1930 a 1950, e lembram acumulo e repetição do mesmo padrão (massificação), reforçando a analogia com a sociedade de consumo e o sonho americano.



As obras em que estampa as latas de sopa Campbell's retratam o consumo de massa americano do pós-guerra, a exposição à publicidade, que torna o consumo padronizado nas diferentes classes sociais.



A camuflagem foi usada pelo artista para dar a ideia de que na sociedade americana as aparências não correspondem às verdadeiras intenções.

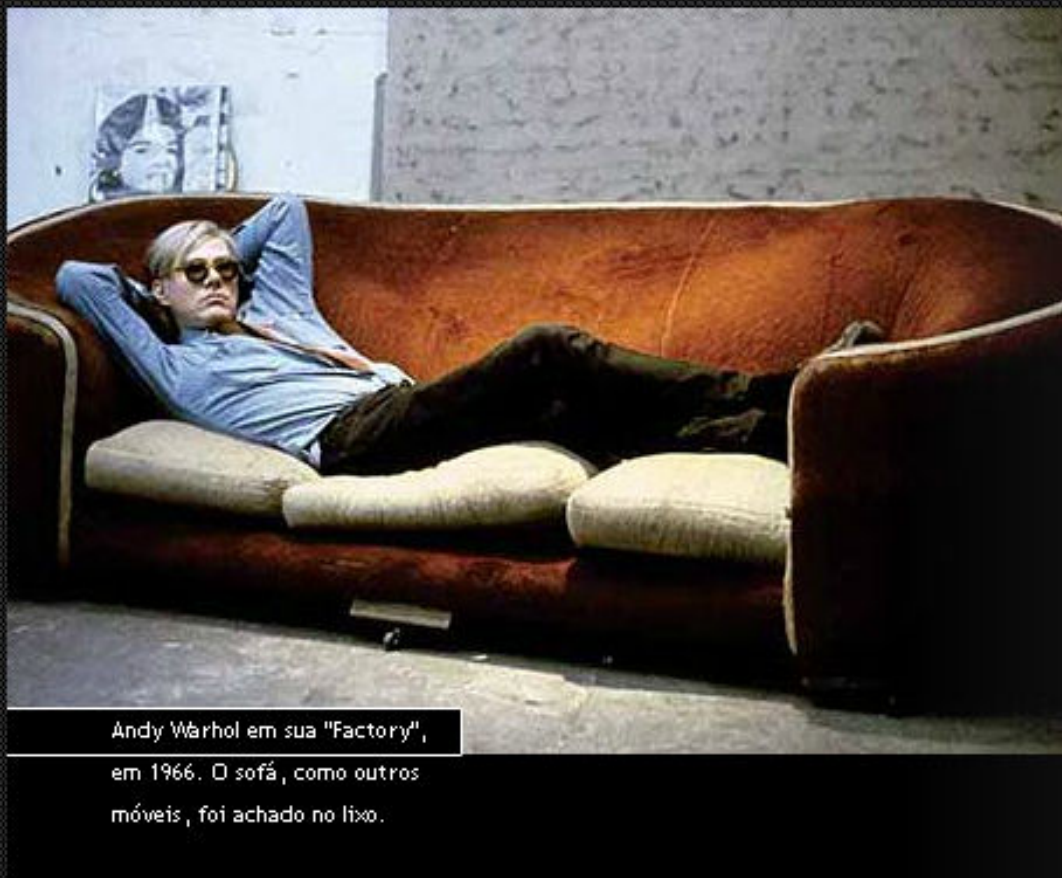


Liz Taylor - 1965

O curador optou por mostrar também um lado não tão conhecido do artista, como os filmes que ele produziu em grande quantidade e algumas obras experimentais, que são precursoras das instalações contemporâneas.

Pode-se dizer que Warhol antecipou a superexposição da vida pessoal que, com a internet, tornou-se uma característica do século XXI. Isto está evidenciado na série de "Screen Tests" (filmes com cerca de três minutos de duração cada, trazendo amigos do artista). Enquadrada em primeiro plano, a pessoa era instruída a apenas encarar a câmera. Warhol a ligava e saía. Assistir aos filmes de Warhol desperta um sentimento semelhante a acompanhar o Big Brother hoje.

Quando Warhol escolhe Marilyn, ele a legitima como figura central na arte pop do século XX. Isto se torna possível porque ele sobrepõe à marca "Marilyn" uma outra, também poderosa e cuidadosamente cultivada: a dele próprio.



Andy Warhol em sua "Factory", em 1966. O sofá, como outros móveis, foi achado no lixo.

Quando iniciou sua Factory, em 1964, Warhol tinha duas obsessões na vida: ganhar dinheiro e ficar famoso. Ele deixava a porta sempre aberta para as celebridades e elas retribuía à sua expectativa. Aos poucos, transformou-se em um produto. E sua imagem pública valorizou sua obra. Ao imprimir não apenas uma Marilyn, mas uma série delas, ele antecipou que a reprodução infinita de imagens de personalidades definiria seu status de celebridades, mesmo que sem nenhum mérito anterior.

A importância de Andy Warhol na arte do século XX desperta animadas discussões. Luciano Trigo, que no final do ano passado lançou o livro *A Grande Feira*, defende que a última grande inovação nas artes plásticas foi a de Marcel Duchamp (1887-1968), para o qual é o artista quem define o que é ou não é arte. Para defender esta ideia, ele inscreveu um urinol em um salão de arte. De acordo com esse ponto de vista, tudo o que se faz hoje é reciclar o pensamento de Duchamp - as latas de sopa de Warhol, assim como os tubarões em formol do britânico Damien Hirst, seriam repetições do urinol original. Outros artistas e críticos defendem que as questões levantadas pelas obras de arte são o que realmente conta, não sendo relevante se foram realizadas pelos seus autores ou não. Andy Warhol, com sua impressionante capacidade de antever o futuro, tornou-se um dos mais importantes e inovadores artistas de sua época. ▲

